Câmara Municipal de Cascavel

ESTADO DO PARANÁ

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Lido em: 28 / 11 / 22
Vereador - 1º Secretário

MOÇÃO Nº 94 , DE 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Recebido em: 07 / 11 / 22
Protocolo

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Cascavel.

A Câmara Municipal de Cascavel, por meio de seus representantes legais, subscritores da presente proposição legislativa, nos termos que regem os arts. 157 e 158 do Regimento Interno desta Casa de Leis hipoteca após deliberação legislativa, MOÇÃO DE APLAUSOS a família pioneira do senhor João Stocker Batista, em razão do veio social e cultural épico de nossa cidade.

Dê-se ciência desta Moção, ao senhor Secretário da Cultura Luiz Ernesto e ao senhor Alir Larentis, e às senhoras Silvia Maria Soares do Prado e Lucia Batista Larentis.

É a Moção. Sala das Sessões.
Cascavel, 7 setembro de 2022.

Mazutti
Vereador/PSC

Alécio Espínola
Vereador/PSC

Beth Leal
Vereadora/ Republicanos

Cabral
Vereador/PL

Celso Dal Molin
Vereador/PL

Cleverson Sibulski
Vereador/PROS

Dr. Lauri
Vereador/PROS

Edson Souza
Vereador/MDB

Josias de Souza
Vereador/MDB

Cidão da Telepar
Vereador/PSB

Melo
Vereador/Progressista

Professora Liliam
Vereadora/PT

Policial Madril
Vereador/PSC

Professor Santello
Vereador/PTB

Pedro Sampaio
Vereador/PSC

RECEBIDO DIRETORIA LEGISLATIVA

Serginho Ribeiro
Vereador/PDT

Rômulo Quintino
Vereador/PL

Sadi Kisiel
Vereador/Podemos

Valdecir Alcântara
Vereador/Patriota

Soldado Jeferson
Vereador/PV

Tiago Almeida
Vereador/UNIÃO BRASIL

Exposição de Motivos

É com enorme honra que venho por meio desta, apresentar um pouco de nossa história pesquisada por Silvia Maria Soares do Prado, a qual corroborou os aspectos passados que são trazidos por meio da memória lembrada dos pioneiros, pois, proporcionam perspectivas vivenciadas e conhecimento empírico da cidade de Cascavel/PR. Ao fundamentar a pesquisa com a literatura oral, os depoimentos marcados por culturas, identidade de famílias representadas com os moradores mais antigos, esses personagens que remetem a valores imensuráveis no quesito saberes sobre Cascavel. Histórias estas possíveis no enfoco do passado nos trazendo as informações inerentes às vivências e memórias, às lembranças, é compreendido como um aspecto histórico fornecendo indícios para contribuições e interpretações de fatos construindo mitos, reelaborando referenciais sociais, culturais do conhecimento popular das narrativas orais, com o veio de transmissão cultural entre gerações, a família é pilar para a memória ser afetiva e social. Um exemplo são os sobrenomes que têm um significado imensurável dentro dessa linha de preservar as histórias e condutas de uma família, nossos avós reconstroem em suas vidas e compartilham memórias, tradições e recordações do tempo em que viveram e sobreviveram às constantes transformações econômicas, sociais e culturais. Assim como as lembranças e os esquecimentos são fatos determinantes dos indivíduos, inseridos em um contexto familiar, social, político e cultural são permeadas por manifestações e tradições coletivas vivenciadas.

Sendo assim, através do personagem João Batista, 91 anos, o qual representa os demais pioneiros, com uma memória incrível, lúcido e bem-humorado, gosta de contar histórias que viveu na antiga Vila de Cascavel. Nascido em 01 de janeiro de 1931, na cidade de Taió/SC, chegou a Cascavel em 01 de Janeiro de 1938, um menino na época. Junto com o patriarca, veio de carroça desde Porto União da Vitória/SC, enfrentando 26 dias na estrada barrenta e nos carreiros abertos à foice e machado. Passando pela cidade de Laranjeiras/PR, devido a Revolução de 1924, não haviam pontes de lá para cá, e só não desistiram da mudança porque não tinha mais como voltar. No caminho, os mosquitos borrachudos picavam tanto que parecia que tinha "doença ruim". Junto com outra família, os primos da mãe, Jorge Stocker e Helena Wichelicoski, vieram em duas carroças com os filhos João e Augusto Batista. Inicialmente, moraram na área rural de Colônia Esperança, lugarejo distante da então promissora cidade de Cascavel/PR, tempo em que não havia nada, tudo era sertão, os incontáveis pinheirais, as terras devolutas e os muitos animais silvestres para caça. Sua profissão, assim como da

família, era ligada à roça, à agricultura. O pai, José Maria Batista, conhecido por "Marico", montou um pequeno boteco no Embrião, lugarejo que atualmente é o Bairro Cascavel Velho. A ponte de passagem entre tropeiros, moradores e militares era o lugar que tinha o rio mais próximo, por isso era escolhido para pouso e rota de passagem dos viajantes. A cidade de Cascavel, para a família, era a única esperança, pois queriam conquistar nova vida com as terras férteis do sul. O meio de transporte era a carroça da família, que ia até a cidade de Foz do Iguaçu, pois Cascavel era um Distrito no período de 1932 a 1951. A família seguia viagem para vender charque de porco, erva mate, farinha de milho e galinha, que iam ao sexto atrás da carroça, e levavam seis dias para chegar ao destino e seis para voltar para casa. A rota passava por dentro do Parque Nacional, a chamada Estrada Velha. Seu João Batista lembra que havia muitas travessias de rios até chegar em Foz do Iguaçu, passavam por dentro dos mesmos porque as pontes caíam. Com o longo trajeto, era necessário descansar e pernoitar, e faziam duas fogueiras devido a quantidade de onças em meio à mata. Para o trajeto, compravam sal, açúcar e querosene, o dinheiro quase não existia, tudo era trocado. Para preservar o alimento era preciso fritar a carne de porco e colocar em uma lata com banha, e aos poucos esquentava o alimento para comer. Não havia geladeira. O sabor, segundo o pioneiro, é muito bom. O charque de suínos era vendido em Foz do Iguaçu, colocado em uma caixa grande de madeira com sal como se fosse bacalhau. Com o dinheiro da venda, a família comprava querosene para o lampião e insumos para o dia a dia. Depois, retornavam para Cascavel. João Batista só aprendeu as quatro operações matemáticas, os estudos foram poucos porque viajava com o pai para as vendas. A matemática básica foi aprendida com o professor Sandálio dos Santos, em 1939, quando ia a pé até o Grupo Escolar, fundado em 1932 por pioneiros atualmente Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira. O pioneiro, remanescente da primeira geração de colonizadores, esbanja orgulhoso em morar na cidade há mais de 80 anos. A casa da família de João Batista era feita de madeira lascada, de três metros, tiradas da mata. O pinheiro, riqueza natural que aos poucos ia se transformando em moradia, deixava tudo rústico. O chão era de terra batida, no fogo, o caldeirão de feijão cozinhando. As casas 102. Eram feitas todas no mesmo tamanho: 6x9m, não eram cobertas por mata-juntas e as frestas davam a percepção do que se passava do lado de fora. O frio e o vento entravam direto no interior da moradia. Em 1939, a família construiu uma casa de madeira no Bairro Cascavel Velho, local de passagem dos antigos moradores que vinham para Cascavel. Possuíam também um pequeno armazém lá, local de ponto de encontro de tropeiros. O pioneiro conta que cortava pinheiro para tirar mel e desprezava a madeira, pois o foco era a matéria-prima dos favos das abelhas. O mel silvestre era vendido no antigo mercado da família Muffato, onde levava a mercadoria e recebia um vale compras como pagamento. As memórias do pai são de muito respeito. Seu Marico era agricultor e comerciante, abriu a mata no facão, foice e serrote para iniciar o Bairro Cascavel Velho. João também lembra que o comentário, na época, era que o nome da cidade se dá ao fato de que os tropeiros pernoitavam pelo Bairro Cascavel Velho e ouvia guizos de cobra. Procurando, encontram uma ninhada próximo ao Rio Cascavel, então, segundo a história, o nome da cidade ficou como Cascavel. O senhor João Batista conta que havia muito jagunço, que matavam para os mandantes terem mais terras. Muita gente morreu dessa forma, pois os jagunços andavam armados até os dentes, mas conviviam com a população normalmente. As terras da família Batista foram compradas por intermédio do Senhor Alfredo Pasqual Ruaro, eram 25 alqueires do administrador da colonizadora Pinho & Terra, escritório que vendia e fornecia a documentação da propriedade. Quem ajudou na época foi o amigo e promotor Dr. Odilon Damaso Correia Reinhardt, que também foi prefeito de Cascavel. Na época, Seu Sandálio era tudo na cidade: policial, juiz de paz, professor, etc. Fazia de tudo. Mas também havia um único soldado, Samuel, que cuidava da "cadeiona". Ele era o primeiro policial que cuidava dos presos, e ao deixar a cadeia sozinha para ir almoçar, aconteceu um episódio pitoresco e curioso: o filho de um preso levou um machado e despregou as tábuas da cadeia para o pai fugir. A cadeia era na Rua Paraná, onde hoje fica o Sindicato Patronal. Os partidos políticos da época eram o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) partido político brasileiro, opositores da ditadura militar brasileira, e os governistas da

Aliança Renovadora Nacional (ARENA), os candidatos a prefeito eram José Neves Formighieri, Tarquínio Joslim dos Santos 103. e Ramiro Siqueira. Tarquínio perdeu as eleições pelo voto dele mesmo, pois esqueceu de votar. As posses das terras eram abertas no olho e perto de nascentes de água. "Aqui é meu", diziam, e todos se respeitavam. Mais tarde foi que veio a fundação e o jaguncismo, que por causa da madeira matou muita gente em Cascavel-PR. O Bairro Cascavel Velho foi escolhido pela família por ser perto do Rio Cascavel, era propício para a criação. No Marco Zero da cidade, hoje Praça do Migrante, era um local que ninguém queria, pois havia muita taquara e cobras. A Praça do Migrante foi construída em homenagem às frentes migratórias que vieram para Cascavel, o monumento localizado no Patrimônio Velho, local em que foram construídas as primeiras casas, comércios, prefeitura, cadeia, armazéns, etc. Na década de 1940, João ia a pé para a escola, o Primeiro Grupo Escolar, que ficava no Patrimônio Velho, na Avenida Brasil, perto do Marco Zero. O pagamento dos professores vinha de Curitiba num aviãozinho militar, tipo teco-teco. A pista para pouso ficava perto de onde hoje está a prefeitura. No avião que vinha do exército, era trazida a penicilina em ampola. O líquido era mantido no gelo e o povo dizia que curava até defunto, diz o pioneiro: "Esta cidade se tornou uma Babilônia é uma metrópole, eu não acredito que Cascavel cresceu tanto em apenas 68 anos, logo alcançará a capital Curitiba. Eu fico devendo obrigação para a senhora: essas histórias vão ficar para meus filhos e netos".

Diante do exposto, a Câmara Municipal de Cascavel com sua estima e consideração vem através deste, homenagear com votos de aplausos uma das primeiras Famílias pioneiras de Cascavel, pela oralidade do passado a qual contribuirá com o veio empírico trazidos por meio da memória à população cascavelense por meio social e cultural.